

XIX encontro nacional
de pesquisa em
ENANCIB ciência da informação

// SUJEITO INFORMACIONAL E AS
PERSPECTIVAS ATUAIS EM CIÊNCIA
DA INFORMAÇÃO. //

22-26
OUTUBRO
2018
LONDRINA/PR



XIX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM Ciência da Informação – ENANCIB 2018

GT-10 – Informação e Memória

**O PROJETO DE HISTÓRIA ORAL E SUA UTILIZAÇÃO COM OS PROTAGONISTAS DA CI NO
BRASIL: MEMÓRIAS DE UMA CIÊNCIA**

Ricardo M. Pimenta (PPGCI/IBICT-UFRJ)

Marcia T. Cavalcanti (USU)

***THE ORAL HISTORY PROJECT AND ITS USE WITH THE IC PROTAGONISTS IN BRAZIL:
MEMORIES OF A SCIENCE***

Modalidade da Apresentação: Comunicação Oral

Resumo: Este artigo traz uma reflexão em estado inicial sobre a necessidade de se implementar a História Oral como ferramenta de pesquisa para a construção da história de um campo disciplinar específico, o da Ciência da Informação no Brasil. Oriundo de uma pesquisa em andamento, tratamos neste texto do dilema de se pensar a memória de uma disciplina científica que auxiliou a construção de outras em face de uma política de ciência e tecnologia atuante até hoje. As entrevistas realizadas dentro da proposta do projeto, voltadas para os atores sociais que construíram e ainda compõem o cenário da Ciência da Informação, têm como foco a produção de documentos usando o método da História Oral. Neste sentido, constata-se que tal projeto se enquadra em um escopo transdisciplinar das Humanidades Digitais, ao passo que propõe a criação de um repositório que permita o acesso às entrevistas de História Oral, baseadas em “histórias de vida”, e a diferentes documentos de referência aos entrevistados, como suas produções acadêmicas e atuações públicas, para contribuir com a memória da Ciência da Informação no Brasil e com futuras pesquisas que possam fazer uso deste material.

Palavras-Chave: Ciência da Informação; História; Memória; História Oral.

Abstract: This article brings an initial reflection on the need to implement Oral History as a research tool for the construction of the history of a specific disciplinary field, such as that of Information Science in Brazil. Based on an ongoing research, in this text we deal with the dilemma of thinking the memory of a scientific discipline that helped the construction of others in the face of a policy of science and technology that is still active today. The interviews carried out within the project proposal, aimed at the social actors who built and still make up the Information Science scenario, focus on the production of documents using the Oral History method. In this sense, it is noted that such a project

fits into a transdisciplinary scope of the Digital Humanities, while proposing the creation of a repository that would allow access to Oral History interviews, based on "life histories", and to different reference documents to the interviewees, such as their academic productions and public performances, to contribute to the memory of Information Science in Brazil and with future researches that may make use of this material.

Keywords: Information Science; History; Memory; Oral History.

1 INTRODUÇÃO

No campo da memória da ciência no Brasil ainda há uma extensa carência de dados e informações, e até mesmo fontes, que nos possibilitem compreender seu processo histórico do ponto de vista de seus próprios atores e de suas experiências singulares tanto no âmbito individual quanto no coletivo. Essa particularidade faz com que esse campo se torne propício para o emprego da História Oral.

A tendência de se trabalhar com a memória e a preocupação em discuti-la vem apontando para um já consolidado campo de estudos que, através das abordagens interdisciplinares, tem se mostrado cada vez maior na esfera acadêmica e no espaço de atuação de associações e grupos sociais organizados em geral. Com efeito, o que apresentamos neste texto é o argumento de que a salvaguarda da memória é de suma importância para a vida social do grupo por ela representado e para a potencialidade de sua transmissão enquanto ato de comunicação. Traduz-se aí a capacidade vital de se refletir sobre a permanência ou não de uma "identidade resiliente" face às constantes mudanças do mundo que nos cerca a todos.

Escolhemos o adjetivo resiliente pois, diferentemente de outros já dados em diversas contribuições para esta querela, a capacidade da resiliência contribui em muito para nosso olhar sobre o cenário brasileiro: poder passar por adversidades algumas vezes intermitentes e poder manter sua natureza essencial, adaptando-se às intempéries infligidas ao longo do tempo e da trajetória histórica e social sem romper sua estrutura mais sutil. Estrutura essa onde habita o conjunto de lembranças e significados que o identificam para a sociedade e para si mesmo. "Nem a memória, nem o esquecimento podem ser absolutizados. Toda sociedade humana tem a necessidade de conjugar os dois." (GUILLEBAUD, 2006, p.59)

A sociedade da informação, neste aspecto, não contribui para essa resiliência já que o excesso por vezes nos convida ao caos e à condição distópica. O que sabemos sobre essas personagens que compuseram o cenário informacional da C&T no Brasil? Muito pouco, certamente, e de forma restrita ao campo no qual tais atores transitam.

Vivemos numa época em que somos sobrecarregados o tempo todo por informações de diferentes tipos e origens, o que estaria nos levando a um esquecimento quase que instantâneo destas informações abundantes. Isso provocaria uma falta total de vínculo com tudo. Virou a memória, na sociedade da informação, um bem de consumo como a informação?

Segundo Meneses (1999), a memória ganha importância, hoje, a partir de sua exigência como suporte dos processos de identidade e reivindicações respectivas a essas identidades. No contexto da sociedade da informação a memória passa a ter um papel mais preponderante, pois é ela que dará identidade, que juntará os diferentes pedaços para compor uma ideia de conjunto. A memória que reconhecerá uma dada informação como sendo importante para a identidade, o reconhecimento de si.

A preservação e a disseminação da informação são aspectos centrais de preocupação e de ocupação dos profissionais que atuam nos espaços destinados à documentação, espaços estes que também contribuem para a preservação da memória. E falar de memória significa falar das ações de guarda e preservação de documentos, tanto os existentes quanto aqueles que já nascem dentro desta perspectiva, tais como os documentos que se pretende gerar a partir das entrevistas realizadas por meio do emprego do método da História Oral no contexto da CI, por isso também surge, no curso de realização desta pesquisa, a proposta de criação de um repositório temático como local de acesso a essas entrevistas e a outros materiais.

À sombra do que conhecemos como ciência no Brasil, homens e mulheres atuaram duramente pela propagação e salvaguarda do conhecimento enquanto construíam sistemas de informação capazes de acompanhar a tendência, de ordem mundial, de automatização dos serviços bibliográficos e de cruzamento de informações atualizadas, relacionadas às produções científico-tecnológicas em seus campos específicos.

Há importância em considerar a experiência desses personagens? Grande e urgente. É raro alguém se perguntar, em referência ao cenário científico brasileiro, como as estruturas e instituições que representam esta paisagem do conhecimento *stricto sensu* brasileiro foram criadas. E este cenário é formado pelas bibliotecas universitárias e seus bancos de dados; as bibliotecas dos institutos de pesquisa, como as do Centro Brasileiro de Pesquisas em Física e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; os bancos de dados e bibliotecas do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); o Instituto Nacional de Tecnologia, dentre outros. Mas é ainda mais *sui generis* termos em perspectiva o questionamento acerca dos personagens que possibilitaram tal obra. A ciência brasileira é

devedora dessa estrutura, de suas bibliotecas especializadas e daqueles que organizaram os meios para que outros homens e mulheres pudessem “brilhar” no espaço da produção científica.

Falamos aqui do desenvolvimento de infraestruturas informacionais que, naturalizadas pelos pesquisadores atuais, precisaram ser elaboradas, projetadas e implementadas, além de comunicadas entre si e postas à prova no dia a dia educacional, científico e investigativo da sociedade da informação brasileira.

Neste sentido é que este texto visa comunicar o andamento desta pesquisa, por meio da qual a História Oral tornou-se a ferramenta central de produção de conteúdo informacional e documental, além de ser a própria História Oral objeto de reflexão crítica para (re)pensarmos a pesquisa de campo em contextos disciplinares onde somente pelo diálogo interdisciplinar se torna possível a produção de algo até então ausente: a memória de homens e mulheres que testemunharam o surgimento da infraestrutura informacional para a C&T no Brasil e que compuseram o corpo técnico de institutos de pesquisa, de universidades e suas bibliotecas desde o seu início.

Contudo, sem muita tradição no aporte metodológico oriundo de áreas como Antropologia e História às suas pesquisas, a Ciência da Informação (CI) não está ainda plenamente familiarizada com a História Oral. E por tal motivo esta comunicação propõe apresentar a possibilidade do “novo” em busca de salvaguardar sua própria memória a partir da experiência com a História Oral. Mais ainda, localizar o aporte da História Oral como método perante as tendências transdisciplinares de convergência de práticas, métodos e objetos das Ciências Sociais e Humanas, com recursos da computação, no que comumente chamamos de Humanidades Digitais. Assim, cremos que a vinculação formal da História Oral às pesquisas realizadas na Ciência da Informação nos levem à reflexões que possam contribuir para o fortalecimento do uso deste método dentro do campo.

Vale ressaltar que a temática da memória já é familiar no cenário nacional da CI, considerando-se a própria criação e permanência de grupo de trabalho, já há anos, no escopo do encontro nacional em CI no Brasil e diversas análises pelas quais a memória evidencia-se como elemento fundamental da área (DODEBEI, 2016). A história oral, apesar de metodologia de pesquisa recorrente ao campo da Sociologia, da Antropologia e da História, precisa ser relacionada com certa naturalidade aos estudos da memória no âmbito da Ciência da Informação. Afinal, enquanto método de pesquisa em Memória Social, a História Oral é comum;

sendo, portanto, compreensível que sua aplicação possa ser melhor reproduzida no cenário da CI. Trata-se majoritariamente de um método ligado à captação de experiências concretas e subjetivas vividas individualmente e/ou em grupo pelas quais a memória é ativada. Trabalhar com História Oral é buscar construir forma para aproximar-se de um estudo da transmissão materializado na performatividade do indivíduo enquanto ser político e social. Sendo assim, discutir a História Oral como forma de constituição de análise da sociedade da informação, e de seus grupos produtores da informação, é oportuno e necessário, além de não ser uma prática plenamente “estrangeira” à CI, conforme podemos encontrar em Williams (2015):

As part of the 75th anniversary celebration of ASIS&T, an oral history program was started to document the background, significant events and careers of outstanding individuals in information science and technology. The ongoing project takes a cue from oral histories of the Medical Library Association and the Chemical Heritage Foundation and captures individuals' experiences and decisions in their personal and professional lives, reflecting the development of the association itself. With seed funding from the ASIS&T SIG Special Projects Fund and help from graduate classes and Special Interest Group/History and the Foundations of Information Science, the initiative has relied on volunteers to identify and visit with interviewees and to record, transcribe and prepare materials for deposit in the ASIS&T archives at the University of Michigan Library. Interviews illustrate the leaps in telecommunications influencing personal careers and helping the Association in its early years, the expansion of centers for information retrieval science, bureaucratic challenges and the interplay of personalities. The ASIS&T oral history project is an important documentation of the growth of the field, capturing recordings, photos and biographies of key contributors (WILLIAMS, 2015, p.38).

É importante também esclarecer que, embora a comunicação se volte para o emprego da metodologia da História Oral no campo da Ciência da Informação, o que se busca não é discutir a metodologia em si, mas sim como ela faz uso da, e pode ser empregada para estudos sobre, memória e, conseqüentemente, contribuir para seu registro e preservação.

2 A MEMÓRIA PULVERIZADA EM UMA INSTITUIÇÃO ONDE INFORMAÇÃO É O SEU OBJETO: O INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA (IBICT)

Do ponto de vista do cenário científico tecnológico, foi muito importante a criação de uma instituição cuja principal função foi dar suporte para o desenvolvimento da ciência e da tecnologia no contexto brasileiro, visto que desde a década de 1950 toda a produção em C&T

dependeu claramente de uma estrutura, que esteve igualmente em formação, capaz de atuar como espaço para referências em áreas distintas da ciência.

Em 1951, em decorrência da Conferência da Unesco ocorrida na cidade de São Paulo, o debate em torno do registro, acesso e circulação de dados tomou forma. Logo, em 1954, surge o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD) tendo à sua frente Lydia Queiroz Sambaqui, uma das responsáveis pelo processo de inovação na informação em C&T. Cabe destacar aqui a relação do IBBB com os primórdios da História Oral no Brasil:

Em meados da década de 1970, precisamente em 1975, a História Oral chegou ao Brasil. De 7 de julho a 1º de agosto daquele ano, foi realizado o I Curso Nacional de História Oral, organizado pelo Subgrupo de História Oral do Grupo de Documentação em Ciências Sociais (GDCS), formado em dezembro do ano anterior por representantes de quatro instituições: a Biblioteca Nacional, o Arquivo Nacional, a Fundação Getulio Vargas e o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação. Entre os cerca de quarenta alunos inscritos no curso, havia membros de diferentes instituições do país. Os professores convidados eram George P. Browne, do Departamento de História da Seton Hall University, Nova Jersey; James e Edna Wilkie, do Latin American Center da Universidade de Califórnia, e Eugenia Meyer (ALBERTI, 2008, p.160).

O Grupo de Documentação em Ciências Sociais (GDCS) criado em 1974, cujo subgrupo de História Oral era coordenado pelo CPDOC, tinha como seus objetivos: “contribuir para a preservação de documentos necessários aos estudos das Ciências Sociais no Brasil, promover, estimular e coordenar a difusão da documentação, e incentivar a cooperação entre especialistas e cientistas sociais no país e do exterior.” (FERREIRA, 1996, p.11).

Programas e núcleos de pesquisa que utilizavam a História Oral, voltados para os mais variados temas e objetos de estudo, foram se formando nas instituições acadêmicas ao longo da década de 1980, fazendo com que a História Oral se disseminasse e se consolidasse no país.

O Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) substituiu o IBBB em 1976, com a publicação da Resolução Executiva do CNPq nº 20/76, continuando vinculado ao Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), e se consolida como o órgão que vai coordenar as atividades de informação em C&T no Brasil. Para Pinheiro (1997) ele se origina das profundas transformações da sociedade de seu tempo, na qual vemos emergir computadores, surgir centros de documentação, sistemas de informação e bases de dados e processos automatizados que revolucionam a atuação tradicional dos organismos de informação.

O IBICT tem, segundo sua própria definição junto ao Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicação (MCTIC), “A memória do patrimônio científico e tecnológico, o aumento da produção científica e sua visibilidade, o acesso livre à informação e a inserção de cidadãos na sociedade da informação” (MCTIC, 2017) como seus “pilares”.

A origem do IBICT remonta ao início da década de 50, quando a Unesco sugeriu à Fundação Getúlio Vargas (FGV), que promovesse a criação, no Brasil, de um centro nacional de bibliografia. A ação da Unesco, à época, foi decisiva para o surgimento de instituições do gênero em diferentes países. A escolha inicial da FGV deveu-se ao fato de aquela instituição estar realizando importantes atividades na área de bibliografia e documentação. Por essa época, estava sendo criado, também, o Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq), que tinha, entre suas atribuições, "manter relação com instituições nacionais e estrangeiras para intercâmbio de documentação técnico-científica". Por meio de proposta conjunta CNPq/FGV, foi criado, em 27 de fevereiro de 1954, pelo Decreto do presidente da República nº 35.124, o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), que passou a integrar a estrutura organizacional do CNPq (IBICT, 2017).

Como podemos ver em seu site, sua missão é de “Promover a competência, o desenvolvimento de recursos e a infraestrutura de informação em ciência e tecnologia para a produção, socialização e integração do conhecimento científico e tecnológico” (IBICT, 2017).

O próprio IBICT deveria ser compreendido enquanto uma instituição de memória pela comunidade científica brasileira, pois ao ser o responsável institucional e estatal da gestão da informação em C&T no Brasil, seria ele a guardar, preservar e gerir tudo aquilo que direta ou indiretamente remetesse não somente à produção do conhecimento em C&T, como também à informação produzida a partir daí.

Há, entretanto, uma dificuldade clara posta. Ao passo que se preserva o conhecimento e a informação em C&T brasileiro, resta pouco a se fazer na tentativa de se preservar a própria memória institucional e de seus atores. O apelo técnico das atividades relacionadas ao âmbito daquele instituto, como também de outros, acaba por esvaziar pela falta de tempo e de persistência quaisquer iniciativas de se trabalhar de forma orgânica sua memória.

No caso do IBICT, que cuida de informação, podemos questionar se ele sabe como cuidar de sua memória. Com 64 anos de idade, considerando na contagem os tempos do IBBD, o IBICT, com efeito, já realizou inúmeras iniciativas de preservação de sua memória, mas estas continuaram pulverizadas ao longo de sua história. Sem um fio condutor consistente, a memória e seu respectivo cuidado tornara-se “episódica” como em tantos outros lugares. Edições

científicas comemorativas foram criadas, assim como entrevistas com personagens já foram realizadas sem, contudo, haver continuidade e projeto de memória claramente posto e implementado. E também sem a reunião destas memórias em um espaço destinado para isso.

Nos últimos anos, contudo, a percepção de uma lacuna no tocante à memória coletiva dos atores que participaram do projeto iniciado ainda em 1954 com o IBBD e continuado e aprimorado em 1976 com a criação do, então, IBICT, é evidente. Não se trata de “dar voz” (FERREIRA; FERNANDES & ALBERTI, 2000, p.33), lembremos bem, mas sim de buscar exercitar nossas audições, coordenar possibilidades de convergência de diversas experiências e narrativas dos atores sociais que compuseram o cenário informacional científico e tecnológico brasileiro, que continuam tendo a memória de suas atividades à sombra na história social da ciência.

3 GARIMPAR MEMÓRIAS: UM DESAFIO POSSÍVEL DE SER VENCIDO PELA HISTÓRIA ORAL

Segundo Alberti (2004), a História Oral, dependendo da orientação do trabalho, pode ser considerada como método de investigação científica, fonte de pesquisa ou técnica de produção e tratamento dos depoimentos. Como método de pesquisa, seu foco intenta no recolhimento de narrativas, memórias e experiências daqueles atores sociais que viveram o fato histórico enquanto seus próprios protagonistas e/ou coadjuvantes.

[...]a história oral é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Como consequência, o método da história oral produz fontes de consulta (as entrevistas) para outros estudos, podendo ser reunidas em um acervo aberto a pesquisadores. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc. à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam. (ALBERTI, 2004, p.18)

Conforme explicitamos acima, este trabalho é o resultado inicial de uma pesquisa que se utiliza da História Oral, mais especificamente com o uso de história de vida, por meio de entrevistas com personagens que foram considerados relevantes para o campo da Ciência da Informação no Brasil a partir de uma série de critérios, dentre eles a idade avançada destes indivíduos, o que já levou muitos à aposentadoria e até mesmo a se retirarem do espaço acadêmico por se sentirem cumpridores de seu dever, o que não deixa de ser uma verdade. Isso

demonstra uma urgência na realização do projeto para não vermos essas memórias sendo perdidas.

O trabalho de produção de fontes orais pode ser dividido em três momentos: a preparação das entrevistas, sua realização e seu tratamento. A preparação das entrevistas inclui o projeto de pesquisa e a elaboração dos roteiros das entrevistas. (ALBERTI, 2008, p.171-172).

O passo inicial e pré definidor dos trabalhos relativos a esta pesquisa foi convocar os pesquisadores e alunos para uma reunião em que não apenas fossem expostos os procedimentos da História Oral para aqueles que não conheciam seu método, inclusive com indicações bibliográficas, como também dando liberdade para que todos pudessem indicar quem faria parte de nossa lista inicial de entrevistados. Para que a lista pudesse ser montada foi preciso se chegar a um acordo sobre os critérios para a seleção e a disponibilidade de todos os envolvidos na realização das entrevistas.

Após se vencer todas as barreiras práticas que envolvem a realização de uma entrevista, como aceite, disponibilidade, local, equipamentos, os pesquisadores que irão realizá-la discutem o roteiro básico que foi elaborado para a realização de todas as entrevistas e como este será adaptado à trajetória de cada entrevistado.

No tocante ao segundo passo proposto por Alberti, podemos afirmar que as entrevistas vêm sendo realizadas com o cuidado de se produzir dois registros de formatos diferentes. Um de áudio, por meio do gravador digital, e outro audiovisual, por meio de câmera de vídeo com filmagem em *high definition* (hd). Quanto ao tratamento, cabe dizer que a intenção do grupo de pesquisa que vem realizando o projeto é a de não somente produzir fontes documentais por meio do acesso à oralidade, como contribuir para um registro mnemônico de maior qualidade ao captar as próprias pessoas e suas expressões em um registro que lhes renderá o devido reconhecimento junto a sua comunidade acadêmica.

Entendemos ainda que existe um quarto momento não exposto por Alberti, momento este da ordem do acesso. Acesso às fontes orais por meio hiperdocumental: o escrito, o áudio, o vídeo digital. O mesmo conteúdo, porém passível de possuir informações diferentes, já que há mais em um vídeo, e em todas as expressões e imagens que nele estão contidas, do que em um documento escrito, transcrito, sempre produzido de maneira retardatária ao momento de sua captação.

De acordo com o tema e com as questões investigadas, como já dissemos, a entrevista que será realizada com esses personagens nesse projeto é a de história de vida.

As entrevistas temáticas são as que versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido, enquanto as de história de vida têm como centro de interesse o próprio indivíduo na história, incluindo sua trajetória desde a infância até o momento em que fala, passando pelos diversos acontecimentos e conjunturas que presenciou, vivenciou ou de que se inteirou. Pode-se dizer que a entrevista de história de vida contém, em seu interior, diversas entrevistas temáticas, já que, ao longo da narrativa da trajetória de vida, os temas relevantes para a pesquisa são aprofundados (ALBERTI, 2008, p.175).

Para cada entrevistado uma biografia é produzida pelos responsáveis pela entrevista antes de sua realização, entrevista que sempre é feita em dupla de entrevistadores, e esta biografia é divulgada no site do Grupo de Pesquisa uma semana antes da entrevista ser publicada, como uma forma de familiarizar o público com o universo do entrevistado, principalmente aqueles externos ao campo da CI. A biografia foi utilizada não apenas para mostrar a trajetória acadêmica dos entrevistados, mas também porque muito do que eles fizeram e viveram está correlacionado a esse caminho de construção da ciência e tecnologia no Brasil e à memória desta trajetória. Recém iniciada, a pesquisa já realizou duas entrevistas, sendo elas com as professoras Lena Vania Ribeiro Pinheiro e Célia Zaher, e pretende realizar até o fim de 2018 mais três entrevistas.

Lena Vania hoje ocupa a chefia da Coordenação de Ensino e Pesquisa, Ciência e Tecnologia da Informação (COEPE) do IBICT. Ela é bibliotecária formada pela Universidade Federal do Pará em 1966 e especialista em Redes de Bibliotecas pela Universidade de São Paulo. É Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; em 1982 realizou seu mestrado em Ciência da Informação pela mesma Universidade, em convênio com o então IBICT.

Célia Zaher é formada em Direito pela UFRJ e em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Titulou-se mestre em documentação na Universidade de Columbia, em Nova Iorque e na década de 1960 foi diretora de pesquisas no CNPq, presidente do antigo IBBD e da Comissão Latino-americana da Federação Internacional de Documentação. Além disso, durante a década de 1970 e 1980 ocupou diversos cargos na Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e já em 1991

foi diretora do Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (BIREME) (SOUZA, 1995).

Há ainda um número extenso de antigos pesquisadores, funcionários técnicos e demais personagens que foram direta e/ou indiretamente responsáveis pela estruturação do cenário científico brasileiro, de sua comunicação e de seus meios de divulgação nacional e internacional.

A experiência inicial no IBBD foi isso: foi fazer a parte de pesquisa bibliográfica. Fazendo a parte de pesquisa bibliográfica, eu comecei, nós atendíamos, um serviço de atendimento ao usuário. Qualquer pessoa. Qualquer cientista, qualquer estudante, que quisesse (...) pedia (...) nós fazíamos o levantamento. Eu não trabalhava com bibliotecários. Eu chamei um grupo que eram todos alunos de diferentes áreas do conhecimento. Eu cheguei a conclusão que para você fazer a bibliografia de um assunto, você tem que conhecer o assunto. Não era só saber os instrumentos de pesquisa. (ZAKER, 2017).

Somente por esses canais a C&T pode desenvolver-se seguindo padrões internacionais no que se refere às suas formas de produção, divulgação e acesso: Jornais científicos, periódicos, teses e dissertações, bancos de dados curriculares, como é o caso do conhecido currículo Lattes.

Acho que se perdeu muita coisa. Há coisas, há fatos ou iniciativas que se perdem pelo tempo mesmo. Mas era fase do... excessivo planejamento. Havia ainda um resquício de ditadura (...) se mudou rapidamente para sistemas, não é? (PINHEIRO, 2016).

Basicamente toda forma de registro e informação em C&T no Brasil é devedora desses atores que estiveram à sombra das pesquisas propriamente ditas e de seus respectivos autores. Algo que podemos perceber ao ouvirmos a entrevista da professora Lena Vania, do IBICT.

4 O MOMENTO DAS HUMANIDADES DIGITAIS: PENSAR UMA PLATAFORMA HIPERDOCUMENTAL POR MEIO DA HISTÓRIA ORAL E DE FONTES AUXILIARES

O intercruzamento de diferentes formas de documento (textual, áudio e vídeo) em um lugar/espço de convergência único nos convida à reflexão do conceito de hiperdocumento para pensar as possibilidades de emprego e aplicabilidade das informações produzidas no âmbito do projeto de História Oral em curso. As pessoas entrevistadas, relevantes para o campo da CI no Brasil, não são somente visíveis pelos seus depoimentos, mas igualmente visíveis e acessíveis pela sua produção ao longo da vida pública e acadêmica. Nesse sentido, entendemos que as possibilidades advindas da coleta das entrevistas são muitas. Assim como o respectivo emprego dessas em interfaces digitais capazes de mediar o acesso público de forma heterodoxa.

Campos, Souza e Campos (2003) apontam que:

Produzir um hiperdocumento impõe organizar o pensamento em pedaços de informação que se ligam em unidades de conhecimento, considerada esta como a forma mais natural de escrita. Entretanto, durante séculos, o homem esteve condicionado à escrita linear devido aos suportes que abrigaram esta forma de expressão. Atualmente, com os hiperdocumentos, expressar o pensamento em uma rede de conceitos requer aprender a construir nova forma não-linear de escrita (CAMPOS, SOUZA e CAMPOS, 2003, p.08).

Com efeito, aos protagonistas do acesso à informação disponibilizada a partir das entrevistas, e das demais informações passíveis de serem recuperadas tendo o material da entrevista como referência, produzirão uma navegabilidade de sentido único a suas respectivas expectativas. As entrevistas, estes depoimentos, estão carregados de uma memória e possibilitam diferentes formas de nos relacionarmos com as informações ali contidas. Nesse aspecto, considerando a possibilidade de disponibilizarmos todas na íntegra em uma plataforma digital, entendemos uma característica hiperdocumental advinda desta experiência e que têm a memória como fio condutor.

Do ponto de vista das chamadas Humanidades Digitais, é a decisão e intenção de viabilização de uma ferramenta/interface de intermediação aos conteúdos ali expostos que garantem uma experiência transdisciplinar no processo de criação e viabilização dessa tecnologia infor-comunicacional. “O digital como ferramenta de comunicação” e potencial “ferramenta de pesquisa” (DACOS e MOUNIER, 2014, p.06) ao passo que sua cultura é parte integrante da cultura do século XXI (THATCAMP, 2011). Cabe sinalizar que:

As humanidades digitais designam uma transdisciplina, portadora dos métodos, dos dispositivos e das perspectivas heurísticas ligadas ao digital no domínio das Ciências Humanas e Sociais. (THATCAMP, 2011).

Compõe-se aí uma espécie de campo híbrido onde destacam-se os conteúdos informacionais produzidos e circulantes nos espaços web informacionais (PIMENTA, 2016), presentes na práxis de atividades e iniciativas de implementação e uso de recursos tecnológicos e retóricos ligados às Humanidades Digitais.

Tal cenário possivelmente afetará, e dele é uma faceta, o contexto maior da formação humanística, onde a tecnologia é cada vez mais presente tanto na relação do ser social com o mundo quanto na leitura e hermenêutica de si nesse mesmo mundo. Por isso também está

em processo de criação um repositório temático vinculado ao “Projeto Panteão: Memórias Científicas da Ciência da Informação no Brasil”, cujo objetivo vai além de reunir as entrevistas realizadas sobre a memória da CI no Brasil, mas também reunir, num único espaço, o conjunto da produção científica e acadêmica dos entrevistados e dos integrantes do GP, contribuindo para ampliar a visibilidade da Instituição e dos seus pesquisadores, além da preservação da memória intelectual.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho em realização, concernente à memória da Ciência da Informação no Brasil, atua em duas frentes. A primeira trata de identificar, captar e juntar informações, documentação e fontes audiovisuais e/ou escritas referentes à memória de atores sociais que compuseram o campo da Ciência da Informação no Brasil. A segunda atua na realização de entrevistas de História Oral, priorizando a abordagem de história de vida, com esses personagens. Alguns, como já apontamos o fato de haver algumas iniciativas inacabadas e pulverizadas de preservação da memória ao longo do tempo, já deram seu depoimento em entrevistas outrora realizadas por outros pesquisadores, enquanto outros jamais puderam ser ouvidos neste contexto de pesquisa.

Com relação aos atores sociais já entrevistados e que, de algum modo, encontram-se impossibilitados de participar do projeto, cópias destas entrevistas gravadas serão pedidas às instituições que detêm os direitos para fazerem parte do nosso acervo. O objetivo maior da pesquisa é conseguir agregar o maior número possível de entrevistas gravadas em nosso repositório e continuar alimentando nosso acervo de forma contínua.

No momento, apesar de somente duas entrevistas concluídas até a escrita deste artigo, o conteúdo levantado pelas narrativas das personagens entrevistadas aponta para uma realidade da práxis dos profissionais da informação voltados para o melhor desenvolvimento do campo da C&T e da técnica desenvolvida e implementada pelas instituições envolvidas. Para o campo da Ciência da Informação, torna-se mais claro que a memória coletiva dos atores sociais, participantes diretos do desenvolvimento científico e tecnológico brasileiro, trazem consigo saberes e informações não salvaguardadas em quaisquer formas de repositórios e/ou meios físicos.

Neste ínterim, cabe frisar a importância da História Oral como ferramenta para a investigação reflexiva sobre o campo e mesmo sobre a episteme do mesmo uma vez que as experiências individuais daqueles que atuaram em instituições responsáveis pela manutenção da informação em C&T brasileira se perdem ao passo que estes mesmos atores vão perdendo suas vidas. Com efeito, aos que ainda permanecem vivos, o recurso da produção de fontes de pesquisa, documentos, além das informações latentes presentes nas entrevistas, traz à tona a importância da memória para a sociedade informacional. Apesar de ser uma “construção do passado”, a memória está “pautada em emoções e vivências; ela é flexível, e os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente” (FERREIRA, 2002, p.321).

Há ainda cerca de dez entrevistas, pelo menos, a serem realizadas. Algumas no estado do Rio de Janeiro, outras em Brasília e São Paulo. Sabe-se que diferentemente de poucos anos atrás, algumas poderão ser realizadas até mesmo pelo recurso tecnológico da videoconferência. O grupo envolvido na pesquisa tratará da logística de trânsito dos pesquisadores e do material necessário para a efetuação da pesquisa.

Com efeito, espera-se produzir um conjunto de fontes de pesquisa que auxiliará a Sociologia e História da Ciência no Brasil, bem como a própria Ciência da Informação, que carece do reconhecimento de sua história e que tal feito terá na memória sua grande aliada.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. História dentro da História. In: PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

CAMPOS, M. L. de A.; SOUZA, R. F.; CAMPOS, M. L. M. A organização de unidades de conhecimento em hiperdocumentos: o modelo conceitual como espaço comunicacional para a realização da autoria. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 2, p. 7-16, maio/ago. 2003. Disponível em: <<http://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/266/1/RosaliCI2003.pdf>>. Acesso em: 07 ago. 2017.

DACOS, M.; MOUNIER, P. **Humanités numériques : État des lieux et positionnement de la recherche française dans le contexte international**, Institut Français, 2014. Disponível em: <<http://www.enssib.fr/bibliotheque-numerique/documents/65357-humanites-numeriques-etat-des-lieux-et-positionnement-de-la-recherche-francaise-dans-le-contexte-international.pdf>>. Acesso em: 07 ago. 2017.

DODEBEI, V. Ensaio sobre memória e informação. **Morpheus**, v. 9, n. 15, [ed. Especial], 2016. Disponível em < <http://www.seer.unirio.br/index.php/morpheus/article/view/5475/4929>>. Acesso em: 02 jul. 2016.

FERREIRA, M. de M.; FERNANDES, T. M.; ALBERTI, V. **História Oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ; FGV, 2000.

FERREIRA, M. de M. História Oral e tempo presente. In: MEIHY, J. C. S. B. (Org.). **(Re) Introduzindo a História Oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996.

FERREIRA, M. de M. História, tempo presente e História Oral. **Topoi**, v. 3, n. 5, Rio de Janeiro, dez. 2002. Disponível em: <http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/topoi05/topoi5a13.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2017.

GUILLEBAUD, Jean-Claude. “Entre mémoire et projet”. In DOSSE, F.; GUILLEBAUD, Jean-Claude; FINKELKRAULT, A. **La Mémoire, Pour Quoi Faire?** Paris: les editions de l’atelier, 2006.

IBICT. **Histórico**. [home page] Disponível em: <<http://www.ibict.br/sobre-o-ibict/historico-1>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

MCTIC. **Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia**. [home page Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicações - MCTIC] Disponível em : <<http://www.mcti.gov.br/ibict>>. Acesso em: 09 mar. 2017.

MENESES, U. T. Bezerra de. A crise da memória, história e documento: reflexões para um tempo de transformações. In: SILVA, Z. L. da (Org.). **Arquivos, patrimônio e memória. Trajetórias e perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP: FAPESP, 1999. cap. 1, p. 11-30.

PIMENTA, R. M. As rugosidades do ciberespaço: um contributo teórico aos estudos dos web espaços informacionais. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 26, n. 2, 2016. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/28116/16202>>. Acesso em: 07 dez. 2016.

PINHEIRO, L. V. R. **A Ciência da Informação entre a sombra e a luz: domínio epistemológico e campo interdisciplinar**. 1997. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

_____. **Lena Vania Ribeiro Pinheiro: entrevista** [out. 2016]. Entrevistadores: Leyde Klebia Rodrigues da Sila e Thayron Rodrigues Rangel. Rio de Janeiro: IBICT-RJ, 2016. Entrevista concedida ao Projeto Memórias Científicas: História Oral da Ciência da Informação no Brasil. Disponível em: <<http://www.memoriascientificas.ibict.br/2017/01/10/lena-vania-ribeiro-pinheiro/>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

SOUZA, R. F. Entrevista: Célia Ribeiro Zaher. **Ciência da Informação**, v. 4, n. 1, 1995. Disponível em: < <http://revista.ibict.br/ciinf/article/viewFile/604/606>>. Acesso em: 11 mar. 2018.

THATCAMP. **Manifesto das humanidades digitais**. [online]. Paris: ThatCamp [The Humanities and Technology Camp]. 2011. Disponível em:
<<http://tcp.hypotheses.org/category/manifeste>>. Acesso em: 29 jun. 2018.

WILLIAMS, R. V. The ASIS&T oral history program: An interim report: The ASIS&T Oral History Program: An Interim Report. **Bulletin of the Association for Information Science and Technology**, v. 41, n. 1, p. 38-41, 2014. Disponível em:
<<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1002/bult.2014.1720410114>>. Acesso em: 09 set. 2018.

ZAHER, C. R. **Célia Ribeiro Zaher: entrevista** [mar. 2017]. Entrevistadores: Rodrigo Piquet Saboia de Mello; Rosale Mattos e Bruno Ferreira Leite. Rio de Janeiro: IBICT-RJ, 2017. Entrevista concedida ao Projeto Memórias Científicas: História Oral da Ciência da Informação no Brasil. Disponível em: <<http://www.memoriaesociedade.ibict.br/grupo-imesibict-realiza-nova-entrevista-para-memoria-da-c-i-no-brasil/>>. Acesso em: 11 jul. 2018.